

**DE ONDE VEIO ESSE LIXO? COTIDIANO, CONSUMO E MÍDIA A PARTIR DA
GREVE DOS GARIS NO RIO DE JANEIRO**

Déborah Shirley de Vasconcelos¹

Resumo:

A questão do desperdício e dos rejeitos produzidos pela sociedade inserida na cultura do consumo. O objetivo é relacionar consumo, cotidiano e mídia, a partir da greve dos garis da COMLURB, durante o Carnaval de 2014. Recorrendo à cobertura feita desse evento pelo *O Globo* (mídia corporativa) e *Mídia Ninja* (mídia alternativa), observa-se o tratamento dado para o volume de resíduos descartados e seu acúmulo. Ainda que exista potencial de gerar debate sobre o consumismo e a descartabilidade na sociedade contemporânea, não são ressaltados os motivos/ processos/caminhos que levam a produção e descarte inadequado de grande quantidade de resíduos.

Palavras-chave: Sociedade de consumo. Cotidiano. Mídia. Lixo. Desperdício.

Introdução

As alterações no meio ambiente, com seus impactos na sociedade, fazem emergir as temáticas ambientais na esfera pública e em todas as áreas da sociedade civil, ganhando espaço nos meios de comunicação e se tornando tema recorrente em debates promovidos por diversos setores da sociedade, assim como em discursos de governos e empresas. De acordo com Portilho (2010), existe um aparente consenso internacional sobre as necessidades de reverter a degradação do meio ambiente e os impactos para as populações, tratando-se de um tema envolvido em uma disputa ideológica com uma pluralidade de definições, problematizações e soluções em diferentes setores políticos e sociais.

Portilho (2010) identifica uma recente emergência e crescente centralidade do discurso que percebe o impacto ambiental dos atuais padrões de consumo, com o debate sobre a relação entre consumo e meio ambiente tornando-se uma das principais vertentes em busca da

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação de Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF). E-mail: deborahvasconcelos@gmail.com.

sustentabilidade. Essa nova abordagem da questão ambiental coincide com a tendência de mudança no paradigma do princípio estruturante e organizador da sociedade, da produção para o consumo, o que é apontado por diversos autores, como Baudrillard (2008) e Featherstone (1995). Para Baudrillard (2008), durante o século XX, o capitalismo foi mudando seu centro de gravidade e, no mundo fragmentado atual, o principal terreno da atividade social deixou de ser a produção e passou a ser o consumo. Da mesma forma, os estudos acadêmicos que historicamente mantiveram o foco na esfera da produção para analisar as relações sociais, na década de oitenta, se voltam para o consumo, até então encarado de maneira moralista e considerado algo despojado de importância simbólica.

Ainda que, a partir de então, tenha se buscado compreender as motivações e implicações do consumo na sociedade, são poucos os teóricos a considerar em suas discussões as implicações do pós-consumo: o rejeito. Dessa forma, a discussão em torno dos rejeitos dos processos de produção e de consumo, o lixo, tem sido relegada a segundo plano, uma vez que este não é objeto de demanda social específica para a criação de políticas públicas, a exemplo de algumas lutas sociais já consolidadas em alguns movimentos sociais. Há pouca articulação integrada com este fim e as iniciativas de criação de cooperativas de catadores de lixo se mostram dispersas e isoladas. De acordo com Layargues (2002, p. 16), “a reciclagem, da maneira como vem sendo feita, ou seja, desprovida de políticas públicas, tem muito pouco de ecológico; na verdade, tornou-se uma atividade econômica como qualquer outra”. Assim, o fim que se dá às coisas é encarado apenas como um problema técnico, mas, na verdade, só transforma o lixo em lixo novo, apenas em quantidade maior.

Diante desse cenário, este artigo traz para o debate a questão do desperdício e dos rejeitos que são produzidos pela sociedade contemporânea inserida em uma cultura do consumo. Para isso, a partir de uma base teórica interdisciplinar,² demonstra-se a relação entre consumo, cotidiano e mídia, tendo como fio condutor a greve dos garis da Companhia de Limpeza Urbana (COMLURB), da cidade do Rio de Janeiro, durante o Carnaval de 2014, e seus impactos. São observadas e ressaltadas as características da repercussão midiática

² Por conta do caráter interdisciplinar do assunto tratado, é necessário recorrer a teóricos e autores de diversos campos de estudo, tais como comunicação, sociologia, antropologia, filosofia, economia, engenharia, entre outros, que vão tratar de assuntos relacionados à sociedade contemporânea, ao consumo e ao meio ambiente.

desse evento com potencial de gerar debate sobre o consumismo e a descartabilidade, verificando se são abordados os motivos/processos/caminhos que levam à produção e descarte inadequado de uma grande quantidade de resíduos: afinal, de onde veio esse lixo? Espera-se que esta pesquisa, antes de tudo, gere discussão sobre uma questão pouco abordada, não apenas na mídia mas na sociedade como um todo.

Relações cotidianas na sociedade contemporânea: o consumo e a mídia

A sociedade contemporânea vem sofrendo profundas alterações na modernidade e que transformam todos seus âmbitos: econômicos, políticos, sociais, ecológicos e tecnológicos. Essas transformações, associadas ao sistema econômico capitalista, afetam a sociedade e suas relações, que passam a ser organizadas e voltadas para o consumo de bens e com valores, ideias e aspirações passando a ser definidos e organizados de acordo com aquilo que se consome. Trata-se de uma sociedade de mercado caracterizada pela cultura do consumo, que tem íntima relação com os meios de comunicação de massa e a globalização, que maximiza o acesso aos bens em toda a parte do mundo, caracterizando-se por uma grande complexidade. Diante disso, diversos teóricos se esforçam para esclarecer a natureza dos processos em curso, buscando compreender as motivações e implicações do consumo na sociedade, existindo de diversas teorias que tratam do tema (FEATHERSTONE, 1995).

Dentre os críticos da cultura do consumo, pode-se citar Baudrillard (2008), que coloca que este não se baseia nas noções de necessidade ou no prazer, mas em um código de signos e diferenças, com sua lógica se dando pela manipulação desses signos que surgem a partir da desmaterialização do objeto. Em contraponto, Don Slater (2002) lança crítica a esta visão, que seria totalista ao considerar que não resta realidade alguma, somente o código, a aparência sem profundidade, não deixando espaço para uma visão sociológica. Para este autor, na cultura do consumo os valores não são apenas organizados pelo consumo, mas, de certo modo, derivados dele. O ato de consumir ganha importância simbólica inédita, se infiltrando em todas as esferas da vida social e com as relações passando a ser mediadas por ele, de modo que “os valores do reino do consumo invadem outros domínios da ação social, de modo que a

sociedade moderna é *in toto* uma cultura do consumo, e não especificamente em suas atividades de consumo” (SLATER, 2002, p. 32-33).

Ainda que o consumo tenha sempre existido na vida do ser humano o que se observa atualmente é uma exarcebação dessa participação no cotidiano. Para Campbell (2002), uma nova aptidão e propensão ao consumo ocorre ainda no século XVIII, com a chamada Revolução do Consumidor, não podendo ser explicada pelas tradicionais teorias econômicas (que também não explicam o consumismo moderno). Da mesma forma, essa centralidade do consumo não é explicada por teorias que falam do desenvolvimento do comércio e técnicas mercadológicas ou tem uma abordagem utilitária. Em sua visão, a explicação para essa propensão ao consumo, ainda nos primórdios da Revolução Industrial, está ligada a uma Revolução Cultural que modifica valores morais e éticos e que levam a substituição do ascetismo pelo hedonismo, reduzindo as restrições puritanas ao desejo, à ambição material e ao anseio por opulência.

Dessa forma, pode-se definir o consumo enquanto uma atividade e um processo tanto econômico quanto cultural (BAUDRILLARD, 2008). Diferente do que se tende a pensar, o consumo não se dá de forma individual, ele se realiza coletivamente e existe como algo culturalmente compartilhado, sendo preciso considerar as transformações provocadas por indivíduos, que compram e usam bens, ao compartilharem o consumo (DOUGLAS, 2009). Assim, na cultura de consumo contemporânea, todas as atividades, até as mais simples, estão permeadas por relações de consumo, que vão ocupando todos os espaços da vida cotidiana dos indivíduos. De acordo com Baudrillard (2008) o consumo é próprio do modelo capitalista, havendo uma necessidade do sistema capitalista, para sua sobrevivência, em incentivar o consumo; mas esse incentivo se faz de forma que as pessoas não pensem sobre as consequências, como o rejeito, que necessariamente é gerado. As relações de consumo estão inseridas na cultura da sociedade, com seus valores e ideologia sendo reforçados pelo mercado e por instituições como a mídia, que funciona enquanto aparelho ideológico de hegemonia que opera na sociedade civil (GRAMSCI apud MORAES, 2009). Assim, tendo em vista sua centralidade na contemporaneidade, a mídia exerce papel fundamental na relação entre cotidiano e consumo.

Enquanto mediadora autoassumida dos desejos, a mídia tenta identificar indicações do cotidiano e eventuais alternâncias de sentimentos que podem incidir em pressuposições consensuais ao consumo. [...] Ainda que prescrevam fórmulas e juízos, não há dúvida de que, em maior ou menor grau, absorve, essencialmente por razões de mercado, determinadas inquietações do público (MORAES, 2009, p. 47).

Contudo, ressalta-se que não se trata de que os indivíduos constituídos socialmente serem uma massa passiva que recebe tudo que lhe é dado sem questionamento, mas sim individualidades capazes de interpretar e, através de seu cotidiano, alterar sua condição. Certeau (1994), enfatiza a criatividade, a potência de criação do homem ordinário, que não pode ser mais reduzido ao conceito de mero consumidor, desvelando a sua existência e apostando nesta “quebra” para que a ideia totalitarista de opressão seja desqualificada. O cotidiano seria, então, um espaço de transformação social, ou seja, de ressignificações, por parte do indivíduo, dos discursos recebidos de instâncias institucionalizadas, como a mídia (CERTEAU, 1994).

Greve dos garis e a suspensão do cotidiano: um espaço para discussão

No primeiro dia de Carnaval de 2014, os garis da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB) da cidade do Rio de Janeiro entraram em greve reivindicando aumento do piso salarial, do adicional de insalubridade e do vale-refeição, além do retorno de benefícios perdidos. Uma crise entre governo, sindicatos e grevistas estendeu a greve por oito dias³ e, sem entrar no mérito político da questão, foi possível para a população ver o lixo se acumulando por toda a cidade. Essa situação mostrou-se ainda mais problemática tendo em vista que, sendo período de Carnaval, o número de turistas na cidade é grande e os blocos carnavalescos com milhares de pessoas se espalham pelas ruas, aumentando consideravelmente a quantidade de rejeitos jogados nas ruas, em especial pelo aumento de ambulantes e do consumo de cerveja, que junto com as latinhas trazem embalagens de

³ A greve teve início no dia 01/03/2014 e, após diversas assembleias e reuniões com representantes da prefeitura, terminou no dia 08/03/2014.

plástico e outros resíduos.⁴ As ruas, esquinas e praças de todos os bairros da cidade, em regiões mais nobres ou naquelas menos assistidas pelos serviços públicos, ficaram cobertas pelos resíduos descartados que se acumularam, espalhando mau cheiro; e a cidade viveu cenas inusitadas, como ver garis trabalhando com escolta policial e catadores de latinhas sendo aplaudidos. Vale ressaltar que esse acúmulo de lixo não foi um caso isolado. Em todo o carnaval, réveillon ou mesmo nas praias em um domingo de sol isso ocorre. A diferença, neste caso, é que, com a greve, a “mágica da limpeza” não ocorre, e o lixo que se acumula durante um dia, permanece no mesmo local na manhã seguinte.

O lixo é um assunto com o qual se evita o contato de qualquer natureza – físico, olfativo, visual ou imaginário – e que quase sempre é deixado de lado, buscando-se nem sequer pensar sobre ele. Porém, ele faz parte do cotidiano (CERTÉAU, 1994; HELLER, 2004) de cada ser humano que, querendo ou não pensar sobre, é produtor de resíduos; trata-se de um tema que afeta a todos indiscriminadamente, porém, para a maior parte das pessoas, o assunto termina no momento que se “joga fora”. De fato, o que ocorre é que não é possível “jogar fora”, como dito habitualmente, já que, levando em conta que todos vivem no mesmo planeta, não existe a possibilidade de se “jogar algo fora”, mas apenas a transferência de local, de preferência para o mais distante possível. Bauman (2005) faz uma análise crítica com relação ao refugo que compartilha espaço semântico de ‘rejeitos’, ‘dejetos’, ‘restos’, ‘lixo’. Para o autor, a sociedade atual em toda sua construção histórica não tem interesse no refugo, pois só o produto interessa, e por isso os dejetos são removidos radicalmente, tornados invisíveis – não se olha para eles – e inimagináveis – não se pensa neles. “O destino do refugo é o depósito de dejetos, o monte de lixo.” (BAUMAN, 2005, p. 20).

Esse apagamento dos rejeitos entra na lógica do cotidiano, uma vez que não se pode pensar sobre isso o tempo todo, pois, como diz Heller (2004), levaria a paralisação da vida, uma vez que

se nos dispuséssemos a refletir sobre o conteúdo de verdade material ou formal de cada uma de nossas formas de atividades, não poderíamos realizar nem sequer uma

⁴ Existe uma grande indústria de reciclagem de alumínio o que atrai grande número de catadores deste material, o que faz com que ele não se acumule, mesmo em locais em que esse descarte é elevado. No caso dos blocos de Carnaval, cooperativas sendo contratadas para sua coleta durante o evento. A mesma atenção e interesse não há pelo plástico, devido a seu baixo valor no mercado de reciclagem.

fração das atividades cotidianas imprescindíveis; e, assim, tornar-se-iam impossíveis a produção e a reprodução da vida da sociedade humana (HELLER, 2004, p. 30).

Assim, mesmo com o interesse crescente por questões ambientais, “as questões relacionadas ao lixo não são ainda adequadamente tratadas, apesar de decisivas para o ordenamento urbano. Não fazem parte de nossa agenda de cultura geral” (EIGENHEER, 2009, p. 15). Em parte, pode-se atribuir isso ao papel alienante da vida cotidiana, que não permite que se perceba o cotidiano enquanto o está vivenciando, só sendo possível conhecer o cotidiano na medida em que se afasta dele, o que não ocorre de forma natural (HELLER, 2004).

Demonstrando como se lida na vida cotidiana com os resíduos produzidos, Bauman destaca:

A história em que e com que crescemos não tem interesse no lixo. Segundo essa história, o que interessa é o produto, não o refugo [...] Removemos os dejetos da maneira mais radical e efetiva: tornando-os invisíveis, por não olhá-los, e inimagináveis, por não pensarmos neles (2005, p. 38).

Dessa forma, um caminho para que se pensar a questão do lixo seria a suspensão do cotidiano e um não julgamento a priori, sendo necessário querer o conhecimento e acionar os sentidos objetivos e subjetivos (HELLER, 2004). Pode-se dizer que é justamente uma suspensão do cotidiano que se observa no episódio da greve dos garis e suas repercussões⁵ o que aciona as pessoas a pararem para pensar na questão é justamente o acúmulo do resíduo que não é habitualmente visto,⁶ o contato direto com o lixo.

Sendo um evento com importância na sociedade, a mídia teve um grande papel na divulgação de informações sobre o que ocorria e suas repercussões. Muitas pessoas lidaram com esse problema diretamente, mas mesmo estas receberam informações a respeito da greve pelos meios de comunicação. Para entender a repercussão da mídia com relação esse evento opta-se por observar a cobertura feita por dois tipos diferentes de mídia – corporativa e

⁵ Não é utilizada a denominação consequência uma vez que poderia ter uma interpretação que atribuiria à greve a responsabilidade do acúmulo do lixo, o que seria contraditório com o que está sendo abordado nesse artigo.

⁶ Ainda que pesquisas apontem que a população veja o Rio de Janeiro como uma cidade suja, não é habitual ver lixo acumulado nas ruas, em especial nas regiões centrais e nobres da cidade.

alternativa – para que fossem comparadas as suas abordagens, em todo o período da greve, assim como os dias que se sucederam.

Enquanto mídia corporativa, foi escolhido o jornal *O Globo* por ser o periódico de maior circulação na cidade. Foi feito um levantamento de todas as matérias publicadas sobre o assunto nas edições do dia 01/03/2014 ao dia 11/03/2014, quando cessa a repercussão do caso, tendo sido encontradas matérias na sessão “Rio”, que traz notícias da cidade, e também no caderno especial “Carnaval 2014”. Foi possível identificar que as matérias dos primeiros dias se concentraram em ressaltar a situação em que as ruas ficaram, sem se preocupar muito em esclarecer os motivos da greve, apontando certo oportunismo dos garis, desqualificando a importância do movimento e falando de manipulação política. Somente a partir do sexto dia de greve que surgem discussões que consideram a representatividade da greve, as possibilidades de negociação entre prefeitura e movimento grevista, os planos de contingência e as manifestações e atos promovidos pelos garis.

Em toda essa cobertura, é constante o destaque para a grande quantidade de lixo que se acumulava e os transtornos que a população enfrenta, inclusive utilizando expressões de destaque como “mar de sujeira” e “cenário de sujeira”. Pode-se dar como exemplo a matéria publicada na página cinco da edição do dia 04 de março de 2014, cujo título é “Cidade vira lixão” (figura 1). Nessa matéria, encontra-se o posicionamento que se mantém durante toda a cobertura que se traduz em seu subtítulo: “Greve de garis deixa ruas imundas, em especial no Centro, onde se concentra a folia”. Por esse subtítulo é possível identificar uma culpabilização dos garis por conta da sujeira das ruas, como se tivessem sido os garis os responsáveis pelo descarte de todo aquele resíduo. Em nenhum ponto da matéria há referência ou questionamento dos motivos que levam aquele lixo ser descartado de forma inadequada nas calçadas, de quem deixou ali ou porque tanto lixo é produzido.

Como é possível observar, não há por parte desta cobertura uma problematização do assunto da imensa quantidade de lixo produzida, ainda que fosse atribuída ao Carnaval. O certo é que os leitores, enquanto cidadãos, certamente não ficariam satisfeitos em serem responsabilizados por esse problema. A mídia busca, seguindo seus interesses, levar a seus públicos aquilo que de alguma forma o satisfaça.

Sem subestimar a reverberação do ideário dominante nos canais midiáticos, devemos reconhecer que fatores mercadológicos, socioculturais e políticos repercutem de alguma maneira na definição das programações. Um dos traços distintivos da mídia, enquanto sistema de produção de sentido, é a capacidade de processar certas demanda de audiência (MORAES, 2009, p. 46).

FIGURA 1 – TÍTULO DIRECIONA A CULPA DO ACÚMULO DE LIXO AOS GARIS



FONTE: O GLOBO, 2014.

Tendo em vista a centralidade que a internet e as redes sociais estão tomando na comunicação e informação da população, a análise somente da cobertura do jornalismo impresso, em apenas um jornal, poderia se mostrar insuficiente, ou mesmo tendenciosa, para entender a repercussão midiática do evento, uma vez que é “impossível conceber o campo midiático como um todo harmonioso e homogêneo, pois está atravessado por sentidos e contrassentidos, imposições e refugos, aberturas e obstruções [...] é um campo permeado por contradições, oscilações de gostos, preferências e expectativas” (MORAES, 2009, p. 47) e “existem pontos de resistência aos discursos hegemônicos que abrem horizontes de enfrentamentos de pontos de vista” (MORAES, 2009, p. 48). Diante disso, também são observadas algumas das publicações que circularam pela rede e que tiveram destaque, com grandes compartilhamentos e visualizações durante o período. A página da *Mídia Ninja*

(Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) na rede social Facebook foi uma das mídias online que teve grande participação na cobertura da greve dos garis. Do dia 01 ao dia 10, são feitas 64 postagens com fotos, links para vídeos ou matérias e um conteúdo que vai do informativo a considerações e análises a respeito do tema. As postagens se concentraram em: tratar do embate entre prefeitura e garis que dificultaram o acordo, com denúncias de baixos salários e ameaças de demissões, entre outras; e acompanhar as manifestações ocorridas durante o período, destacando o apoio popular, e tirando os garis da posição normalmente ocupada e colocando-os como heróis e lutadores. A figura que está sempre presente nas postagens é a do gari, como representante de um povo simpático e que luta por seus direitos (figura 2).

FIGURA 2 – GARI COMO HERÓI

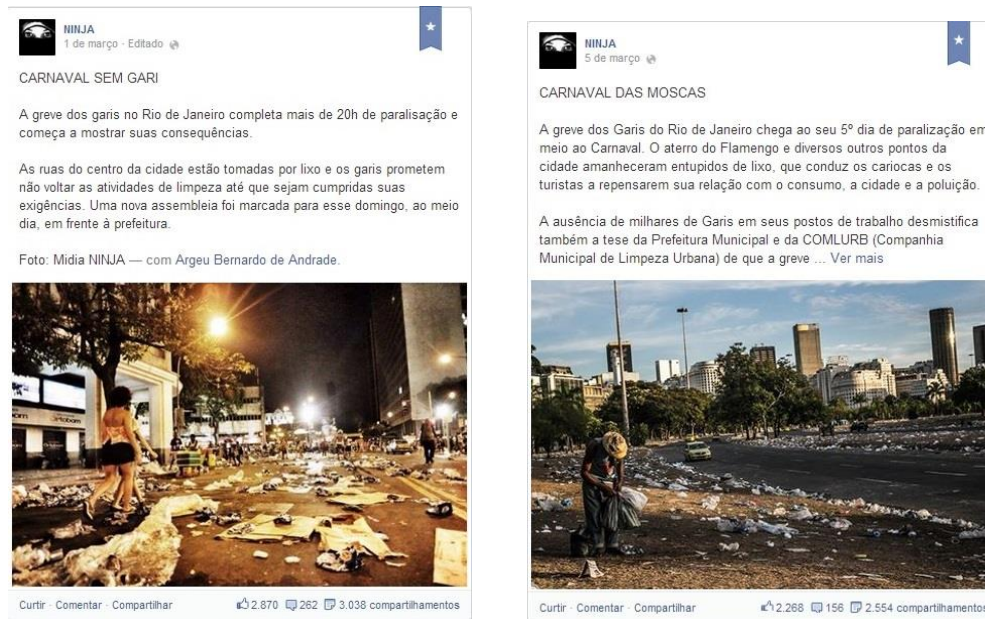


FONTE: MÍDIA NINJA, 2014.

De todas as postagens, em apenas duas são retratadas as cenas das repercussões da greve para a cidade (o lixo nas ruas), sendo que em uma delas o lixo também é apresentado como consequência da greve, sem reflexão. Somente em uma postagem é mencionado que o

fato de alguns pontos da cidade terem amanhecido com lixo conduziria cariocas e turistas a repensar suas relações com o consumo, a cidade e a poluição (figura 3).

FIGURA 3 – POSTAGENS QUE MOSTRAM AS RUAS SUJAS



FONTE: MÍDIA NINJA, 2014.

Vale ressaltar que a *Mídia Ninja* se posiciona como uma mídia alternativa à imprensa tradicional. Em seu site oficial, declara: destaca:

Apostamos na lógica colaborativa de criação e compartilhamento de conteúdos, característica da sociedade em rede, para realizar reportagens, documentários e investigações no Brasil e no mundo. Nossa pauta está onde a luta social e a articulação das transformações culturais, políticas, econômicas e ambientais se expressa (QUEM SOMOS, 2014).

Assim, se enquadra no âmbito dos “meios alternativos de comunicação, que se contrapõem aos modelos, crivos e controles midiáticos e se dispõe ao trabalho de crítica e disseminação de ideias que visam elevar a consciência social e a participação política” (MORAES, 2009, p. 48). Vale destacar que em uma das postagens é apresentado uma espécie de relatório das manchetes do jornal *O Globo* (o mesmo periódico analisado neste trabalho) com intuito de trazer uma crítica e gerar debate sobre a cobertura da mídia corporativa, porém o foco é

justamente denunciar um tratamento tendencioso (com destaques e apagamentos) dado ao embate entre prefeitura e garis e uma tentativa de desqualificar a greve e suas vitórias. Porém, como foi possível observar, o posicionamento, no episódio analisado, perante o acúmulo de lixo e descarte de resíduos não se diferencia daquele que se identifica na cobertura da mídia corporativa. Não há interesse nesse trabalho em criticar a eficiência ou o posicionamento da mídia alternativa, mas não se pode deixar de ressaltar que mesmo uma mídia que se coloca como contra-hegemônica e crítica ao *status quo* da sociedade, em busca de transformações, não se posiciona perante a questão do volume de resíduos produzidos e descartados de forma inadequada, tampouco da cultura de consumo.

Uma possível causa para isso poderia ser que a questão social que motivou a greve (reivindicação por melhores salários) é um fator de maior relevância nesse caso, que merece maior atenção. Porém, não é possível separar a questão dos garis da questão do descarte de resíduos, ambas estão inseridas em um mesmo problema social e que é potencializado pela cultura de consumo que rege a sociedade. Pois, se os garis não são valorizados é porque, em geral, eles são vistos da mesma maneira como é visto o material com qual trabalham. Segundo Eigenheer (2009), as pessoas que trabalham com o lixo são discriminadas e consideradas cidadãos de terceira categoria. Eles se encaixam no grupo de pessoas excluídas da sociedade e que são classificadas como “refugo humano”, “os ‘excessivos’ e ‘redundantes’, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter a permissão para ficar” (BAUMAN, 2005, p. 12), e são confundidos com o próprio lixo. Porém, esta mesma sociedade de consumidores não pode acabar com este “refugo”, pois ela precisa dos coletores de lixo, uma vez que “os consumidores” não estão dispostos a fazê-lo, pois foram educados apenas para obter prazer nas coisas e satisfação instantânea (BAUMAN, 2005).

Considerações finais

A partir desse levantamento de notícias, imagens e postagens em redes sociais, é ressaltado o tratamento dado pela/na mídia para o impacto causado com o acúmulo de lixo nas ruas, assim como seus motivos. Assim, é possível identificar que, no caso da greve dos

garis, a abordagem dada pela mídia ao caso e suas repercussões foi de grande importância para que não houvesse questionamentos quanto à grande produção e descarte inadequado de lixo, modulando a abordagem do tema. A greve, de uma forma geral, teve apoio da população, apesar dos transtornos enfrentados, mas questionamentos podem ser feitos com relação à reflexão sobre o tema, seja no aspecto dos resíduos acumulados, seu volume e o local onde se descartou, seja pelas condições em que se encontram os garis na sociedade.

Tendo em vista que a greve pode gerar uma suspensão do cotidiano; que suas repercussões (o lixo acumulado) estão próximas das pessoas, em contato direto; e o destaque dado pelos meios de comunicação ao evento com um todo; poder-se-ia considerar este como um momento com potencial de gerar discussão e debate sobre esses temas presentes no cotidiano, tendo como vetor a mídia. Porém, não acontece esse movimento de conhecimento do cotidiano com relação ao descarte e ao lixo. O que se pode dizer é que as atitudes dos que estavam nos locais de acúmulo de lixo variaram entre uma grande preocupação em procurar lixeiras e jogar mais lixo junto ao restante, uma vez que “um pouco mais não faria diferença”. Já para os que não estavam presentes, automaticamente não se sentiram culpados pelo lixo nas ruas. Em ambos os casos, é difícil constatar uma reflexão sobre o lixo em seu cotidiano.

Assim, o registro, em uma das matérias do jornal *O Globo*, de que catadores de latinhas foram aplaudidos pode ser um exemplo de que, de uma forma geral, não há problema em jogar lixo no chão, desde que tenha alguém para retirá-lo dali, e o mais rápido possível. De uma forma geral, a culpa do lixo na rua foi transferida aos garis que entraram em greve, aproximando-os de maus cidadãos. Mobilizando aspectos ligados à sujeira, mau cheiro, obstrução de passagem, incômodo, proliferação de doenças, entre outros, quase não se observa ponderações a respeito da quantidade de lixo produzido e descartado de forma inadequada. Não se identifica um questionamento com relação à produção do lixo pelos cidadãos, foliões ou não.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. 2a ed. São Paulo: 70, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 2a ed. Petrópolis: Vozes. 1994.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

EIGENHEER, Emílio Maciel. **Lixo**: a limpeza urbana através dos tempos. Porto Alegre: Elsevier/Campus/Ministério da Cultura, 2009.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 7a. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2004.

MÍDIA NINJA. Página do Facebook. 01 a 10 mar 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA?fref=ts>> Acesso em: 10 jul. 2014.

MORAES, Dênis de. **A batalha da mídia**: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios. Rio de Janeiro: Pão e Rosas. 2009.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 01 a 11 mar. 2014.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

QUEM SOMOS. **Ninja**. Disponível em: <<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

SLATER, DON. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.